

EUSÉBIO DE CESAREIA E A FORMAÇÃO DO CÂNON CRISTÃO: UM ESTUDO DE CASO

Elizete Maria Bittencourt Soares Miranda¹
Valtair A. Miranda²

Resumo:

O artigo investiga o processo de inclusão do livro do Apocalipse de João no cânon cristão, com foco na análise realizada por Eusébio de Cesareia em sua História Eclesiástica. O Apocalipse, desde seus primórdios, enfrentou diversas controvérsias quanto à sua autoridade e interpretação, sendo amplamente debatido pelas comunidades cristãs. A análise de Eusébio revela um embate entre diferentes leituras, incluindo as interpretações alegóricas e literais, e expõe a dificuldade de sua aceitação universal. O estudo busca entender como o Apocalipse, com seu estilo visionário e enigmático, foi inicialmente rejeitado por alguns grupos, mas gradualmente incorporado à ortodoxia cristã. O artigo também explora a relação entre a autoria apostólica e a aceitação do livro, destacando a contribuição de Eusébio na formação do cânon e no debate sobre o quiliasmo.

Palavras-chave: Eusébio de Alexandria; Canonização; Apocalipse de João; Cristianismo antigo.

Abstract:

This article examines the process of including the book of Revelation in the Christian canon, focusing on the analysis conducted by Eusebius of Caesarea in his Ecclesiastical History. From its inception, Revelation faced various controversies regarding its authority and interpretation, widely debated among Christian communities. Eusebius' analysis reveals a clash between different readings, including allegorical and literal interpretations, and exposes the challenges in achieving its universal acceptance. The study aims to understand how Revelation, with its visionary and enigmatic style, was initially rejected by some groups but gradually incorporated into Christian orthodoxy. The article also explores the relationship between apostolic authorship and the book's acceptance, highlighting Eusebius' contribution to the formation of the canon and the debate over millennialism.

Keywords: Eusebius of Alexandria; Canonization; Revelation of John; Early Christianity.

Ainda hoje as comunidades cristãs se debatem com as divergências. Apesar de dois mil anos de história, ainda não aprenderam a conviver com as diferenças. A história

¹ Graduada em Pedagogia pela FABAT, Pós-graduada em Aconselhamento pela mesma instituição.

² Pós-doutor em Cognição e Linguagem, Doutor em História, Doutor em Ciências da Religião.

das primeiras comunidades revela que, desde bem cedo, elas já enfrentam uma luta da convivência *versus* divergência.³

Ao olhar para os grupos cristãos dos primeiros séculos, consegue-se ver, em linhas gerais, várias correntes e movimentos. Com o passar do tempo, eles acabarão sendo incorporados no que ficou conhecido como ortodoxia primitiva, com sua ênfase na institucionalização das igrejas. Os grupos que não foram incorporados, por outro lado, se identificarão ou se transformarão em comunidades sectárias e divergentes, como o ebionismo, o gnosticismo ou o montanismo.

Grandes testemunhos desta natureza plural pode ser encontrados nos livros que essas comunidades produziram e liam. Estes livros revelam os grupos a eles subjacentes, suas necessidades religiosas, suas ideias, suas necessidades. Cada livro revela uma comunidade. O processo de desenvolvimento destas igrejas precisou passar igualmente pelo seu acervo literário. Neste curso, obras foram excluídas da leitura pública, e, algumas vezes, as comunidades que teimavam em lê-las eram excluídas junto com elas.

Neste artigo tentaremos demonstrar esse processo acompanhando um dos livros mais disputados do Novo Testamento para fora do primeiro século até meados do século IV, com a ajuda da obra *História Eclesiástica*, de Eusébio de Cesaréia.

Mas o que tem o Apocalipse, que o tornou tão disputado? Pode-se arriscar uma hipótese, apontando para a dificuldade de se usá-lo em construções doutrinárias, coisa provocada pelo seu estilo literário visionário e enigmático.

Eusébio de Cesaréia

Eusébio de Cesaréia (263-340 d.C.) foi apologista cristão e bispo de Cesaréia. Sua influência nesta importante cidade da história cristã se fez sentir por cerca de um quarto de século.

Sua obra mais famosa, *História Eclesiástica*, teve várias versões, mas a definitiva ficou pronta em meados de 325 d.C., com registros históricos que chegam a 323 d.C. Neste valioso livro de história antiga, muitas informações são baseadas em fontes informativas que não existem mais.

História Eclesiástica é dividida em 10 livros, sub-divididos em blocos e versos, que narram acontecimentos que vão dos tempos de Jesus, até a ascensão do Imperador Constantino ao poder.

O próprio Eusébio explicita seus objetivos no prefácio do livro: “*É meu propósito consignar as sucessões dos santos apóstolos e os tempos transcorridos desde nosso salvador até nós*” (Livro I, capítulo I, parte 1). Sua atenção está voltada para a sucessão do governo e da providência das igrejas e os embates doutrinários. Grande parte do conteúdo é usada para descrever as perseguições cristãs, bem como seus embates em torno de divergências internas. Um dos temas deste embate gira em torno dos livros que deveriam ser aceitos por todos, ou seja, a questão do cânon.

Neste sentido, o livro do Apocalipse ocupou várias páginas de *História Eclesiástica*. Percebe-se que seu uso nunca foi consensual entre as comunidades, muito menos a forma de lê-lo. Em Eusébio, buscaremos exatamente esse processo, ou seja, a forma como uma obra divergente acabou sendo incorporada, com dificuldades, dentro do rio padronizado de leitura e teologia. A metodologia escolhida será agrupar as

³ HINSON, Glenn E.; SIEPIERSKI, Paulo. *Vozes do cristianismo primitivo*. São Paulo: Temática Publicações; São Paulo: Editora Sepal, 2010, p. 7.

ocorrências em blocos temáticos, não necessariamente por cronologia ou ordem de aparecimento em *História Eclesiástica*.

A hermenêutica de Eusébio

Eusébio lê os textos do Antigo Testamento de forma alegórica, interpretando-o cristologicamente. Neste sentido, ele entende o Filho do homem de Daniel como uma referência direta a Jesus (I, II, 24-26). Para ele, “*está claro que todas estas coisas não poderiam referir-se a outro que a nosso Salvador, ao Deus-Verbo, que no princípio estava em Deus e que, por causa de sua encarnação nos últimos tempos, foi chamado Filho do homem*” (I, II, 26).

No seu trato com Daniel, nota-se também uma tendência literalista em passagens de vaticínio. Isso o leva a construir uma tábua cronológica nos mesmos moldes que autores dispensacionalistas hodiernos (Dwight Pentecost, John McArthur, Charles Swindoll). Segundo Eusébio, “*no livro de Daniel, a Escritura determina clara e expressamente um número de semanas até o Cristo-príncipe — acerca do que fiz uma exposição detalhada em outras obras — e profetiza que, depois de cumpridas estas semanas, seria extinta por completo a unção entre os judeus. Agora, pois, demonstra-se claramente que também isto se cumpriu com o nascimento de nosso Salvador Jesus Cristo*”. (I, VI, 11).

Na sua referência a Papias, outra particularidade de sua hermenêutica saltará aos olhos. Eusébio o acusa de ser o gerador da tradição do quiliismo, a partir de uma má leitura dos textos apostólicos, com estas palavras: “*Entre elas [tradições não escritas recebidas e transmitidas por Papias] diz que, depois da ressurreição dentre os mortos, haverá um milênio, e que o reino de Cristo se estabelecerá fisicamente sobre esta terra. Eu creio que Papias supõe tudo isto por haver derivado das explicações dos apóstolos, não percebendo que estes haviam-no dito figurativamente e de modo simbólico. E aparece como homem de muito escassa inteligência, segundo se pode supor por seus livros. Mesmo assim, ele foi o culpado de que tantos escritores eclesiásticos depois dele tenham abraçado a mesma opinião que ele, apoiando-se na antiguidade de tal varão, como realmente faz Irineu e qualquer outro que manifeste professar idéias parecidas.*” (V, XXXIX, 12, 13).

Com esse comentário, Eusébio revela que trabalha as passagens do Apocalipse figurativamente, de modo simbólico (entenda-se alegoricamente), e como discute com quem o lê de modo diferente (atacando a própria pessoa). Ele reputa Papias como homem de escassa inteligência, que não conseguiu entender as explicações dos apóstolos.

Apesar da opinião de Eusébio, Papias, bispo de Hierápolis, na Frigia, que morreu em 130, é uma importante testemunha da transmissão do Apocalipse. Ele dá mesmo a impressão de ter sido um cristão do círculo do visionário de Patmos. Pouca coisa de Papias sobreviveu. O pouco que se conhece de sua obra é pelas referências de outros autores posteriores, como Irineu e Eusébio. Parece que o centro da sua leitura do Apocalipse estava na chegada de um milênio à terra. Este milênio seria o Reino de Cristo na sua forma material. Isso demonstra pelo menos que poucas décadas depois de ter sido escrito, o Apocalipse já era usado em algumas regiões da Ásia menor.

Contexto histórico do Apocalipse

Sobre o contexto histórico, Eusébio transmite a tradição de que o reinado de Domiciano foi de uma intensa perseguição aos cristãos e cristãs. Para ele, “*Domiciano deu provas de uma grande crueldade para com muitos [...] e foi o segundo a promover a perseguição contra nós*” (Livro III, VII, 1).

Eusébio coloca o apóstolo João debaixo dessa crise histórica: “*É tradição que, neste tempo, o apóstolo e evangelista João, que ainda vivia, foi condenado a habitar a ilha de Patmos por ter dado testemunho do Verbo de Deus*” (III, VIII, 1); “*Foi então que o apóstolo João, voltando de seu desterro na ilha, retirou-se para viver em Éfeso, segundo relata a tradição de nossos antigos*” (III, XX, 9).

Entretanto, ao relacionar o Apocalipse com o apóstolo João, ele se mostra cauteloso. Depois de falar dos livros que João teria escrito, conclui com a seguinte observação: “*Quanto ao Apocalipse, ainda hoje a opinião de muitos divide-se em um ou outro sentido*” (III, XXIV, 18).

A questão da autoria

A questão da autoria do Apocalipse estava diretamente relacionado com sua autoridade e sua permanência no cânon. A ligação com um apóstolo implicaria na sua aceitação, já que se nota em Eusébio a preocupação de ligar os livros aceitos aos apóstolos, aos tempos apostólicos, ou pelo menos à ortodoxia apostólica (III, XXXI, 6). Ou seja, nesta época, discutir quem escreveu o Apocalipse significava discutir se ele era Escritura ou não.

O tema da autoria aparece volta e meia, a começar com Papias. Ele sugeriu que haveria dois líderes cristãos na Ásia Menor no final do primeiro século com o nome de João. Neste caso, o autor do Apocalipse não seria o apóstolo, mas um tal de João, o Presbítero: “*De forma que também isto demonstra que é verdade a história dos que dizem que na Ásia houve dois com este mesmo nome, e em Éfeso dois sepulcros, dos quais ainda hoje se afirma que são, um e outro, de João. É necessário prestar atenção a estes fatos, porque é provável que fosse o segundo – se não se prefere o primeiro – o que viu a Revelação (Apocalipse) que corre sob o nome de João*” (III, XXXIX, 6).

Em seguida vem o testemunho de Irineu, perto do fim do segundo século. Também milenarista, ele lia o Apocalipse usando Daniel como chave de leitura. Gastou partes de sua *Contra as Heresias* para analisar o significado do número da besta, denunciando que nesta época já havia várias formas de se interpretar uma passagem específica do livro.

Ao contrário de Papias, Irineu atribui o livro ao apóstolo João (III, I, 1, 2, 3). Segundo ele, João o teria escrito durante um período de exílio na Ilha de Patmos. Ao fim deste exílio, ele voltou a viver em Éfeso.

Tertuliano é outro que aparentemente não teve dificuldades com o Apocalipse. Para ele, o apóstolo João também é o autor do livro: “*Escreve também que inclusive até seu tempo seguiam brilhando os carismas proféticos na Igreja, e menciona o Apocalipse de João dizendo claramente que é do apóstolo*” (IV, XVIII, 8).

Orígenes apoiou a autoria apostólica do Apocalipse: “*Que haverá para dizer sobre João, o que se recostou sobre o peito de Jesus? Deixou um só Evangelho, ainda que confesse que poderia escrever tantos que nem o mundo poderia conte-los, e escreveu também o Apocalipse, depois de receber a ordem de calar e não escrever as vozes dos sete tronos*” (VI, XXV, 9).

Parece que até o final do segundo século essas opiniões sobre a autoria do livro correrão entre alguns pais da igreja. Eusébio as registra, mas não sem emitir de forma contínua suas observações críticas, em termos como: *“Também ele receberá no devido tempo sua menção, extraída do testemunho dos antigos”* (III, XXIV, 18). Que devido tempo seria esse? Parece que ele separa um momento do seu livro para fechar suas observações sobre o Apocalipse, o que acontecerá na intervenção de Dionísio, mencionada à frente.

Ambigüidade nas listas canônicas

No livro III, capítulo XXV, Eusébio se dedica a separar os livros *“reconhecidos dos que não são”*. Neste momento se percebe toda a crise que ele tem com o Apocalipse, pelo fato dele ter conseguido cita-lo, simultaneamente, na lista dos admitidos (III, XXV, 2) e espúrios (III, XXV, 4), revelando um embate quando o assunto era sua autoridade e relevância. Essas foram suas palavras: *“Chegando aqui, é hora de recapitular os escritos do Novo Testamento já mencionados. Em primeiro lugar temos que colocar a téttrade santa dos Evangelhos, aos quais segue-se o escrito dos Atos dos Apóstolos. Depois deste há que se colocar a lista das Cartas de Paulo. Depois deve-se dar por certa a chamada Primeira de João, assim como a de Pedro. Depois destas, se está bem, pode-se colocar o Apocalipse de João, sobre o qual exporemos oportunamente o que dele se pensa. Estes são os ditos admitidos. Dos livros discutidos, por outro lado, mas que são conhecidos da grande maioria, temos a Carta dita de Tiago, a de Judas e a Segunda de Pedro, assim como as que se diz serem segunda e terceira de João, sejam do próprio evangelista, seja de outro com o mesmo nome. Entre os espúrios sejam listados: os escritos dos Atos de Paulo, o chamado Pastor e o Apocalipse de Pedro, e além destes, a que se diz Carta de Barnabé e a obra chamada Ensino dos Apóstolos, e ainda, como já disse, talvez, o Apocalipse de João: alguns, como disse, rechaçam-no, enquanto outros o contam entre os livros admitidos”*. (III, XXV, 1-4).

A questão do quiliasmo

Na primeira metade do terceiro século, três posições gerais sobre o Apocalipse estavam de pé:

- a) Alguns, como os montanistas e seguidores de Nepos, entendiam que ele deveria ser lido literalmente;
- b) Alguns, como Hipóleto de Roma e Orígenes, entendiam-no como Escritura, mas liam-no alegoricamente;
- a) Alguns, como Gaio, menosprezavam a leitura literal e rechaçavam o livro por completo.

O clima do século segundo, que era ainda favorável, foi revertido no terceiro século por causa da questão do quiliasmo e da leitura literalista.

Montano apareceu ainda em meados de 172, mas sua influência alcançará as décadas seguintes. Ele é mencionado normalmente como um forte defensor do milênio na terra. Começou na Frígia um movimento cristão que atingiu várias partes da Ásia, deixando inúmeros seguidores. Apesar de só o conhecermos pelas menções dos seus adversários, nota-se que o núcleo da questão montanista era a interpretação milenarista da última parte do Apocalipse.

Gaio, um presbítero de Roma, fervoroso anti-montanista, entendeu que o Apocalipse tinha que ser totalmente rejeitado. Na base de sua argumentação estava a tese de que o Apocalipse não era nem do apóstolo João nem do presbítero João, mas de um herético chamado Cerinto. Gaio rejeitou fortemente o Reino de Deus sobre a terra depois da ressurreição e os mil anos de reinado. A citação de Eusébio a ele assim se refere: *“No entanto, também Cerinto, por meio de revelações que diz serem escritas por um grande apóstolo, apresenta milagres com a mentira de que lhe teriam sido mostradas por ministérios dos anjos, e diz que depois da ressurreição o reino de Cristo será terrestre e que novamente a carne, que habitará em Jerusalém, será escrava de paixões e prazeres. Como inimigo das Escrituras de Deus e querendo fazer errar, diz que haverá um número de mil anos de festa nupcial”* (III, XVIII, 2).

Dionísio era bispo de Alexandria e discípulo de Orígenes, na segunda metade do terceiro século, e precisou atuar por causa de divisões e apostasias que estavam acontecendo em função do embate entre os milenaristas e alegoristas. Sua atuação teve como objetivo promover a reconciliação entre as comunidades divergentes, sem, contudo esconder sua própria visão do Apocalipse.

O estopim da crise havia surgido bem no início do terceiro século, na pessoa de Nepos, bispo de uma igreja do Egito. Ele era um ardoroso defensor de idéias milenaristas. Escreveu um livro chamado *Refutação dos alegoristas* baseado principalmente no Apocalipse, onde defendeu a existência literal de um milênio sobre a terra. Ele criticou a leitura alegórica do livro, e defendeu a leitura literal.

Eusébio historiou o evento nas palavras do próprio Dionísio: *“Assim pois, achando-me em Arsinoé, onde, como sabes, há muito prevalece esta doutrina, até o ponto de que ocorreram cismas e apostasias de igrejas inteiras, convoquei os presbíteros e mestres dos irmãos das aldeias, e estando presentes também os irmãos que queriam, exortei-os a realizar em público o exame da doutrina. Ao me apresentarem este livro como arma inatacável, estive com eles três dias em sessão contínua, da aurora ao anoitecer, tentando emendar o que estava escrito”* (VII, XXIV, 6). O livro a que se refere a citação é o referido comentário de Nepos ao Apocalipse. Não se pode deixar, também, de destacar a referência de um verdadeiro debate público de vários dias para discutir a interpretação do Apocalipse, ou especificamente um dos seus temas, a saber, o milênio.

Para a solução do conflito, Dionísio atuou em duas frentes. Primeiramente ele desvinculou o livro do apóstolo João, diminuindo, conseqüentemente, sua relevância para uso doutrinário. Ele argumentou que o nome “João” era muito comum entre os antigos cristãos. Em Éfeso mesmo havia duas tumbas com este nome. Sendo assim, o autor pode não ter sido o apóstolo, mas um outro João qualquer. Essas são suas palavras: *“Portanto, não contradirei que ele se chamava João e que este livro é de João. Porque inclusive estou de acordo de que é obra de um homem santo e inspirado por Deus. Mas eu não poderia concordar facilmente em que este fosse o apóstolo, o filho de Zebedeu e irmão de Tiago, de quem é o Evangelho intitulado de João e a carta católica”* (VII, XXV, 7). Ele acrescentou ainda que, numa comparação do Apocalipse com as demais obras atribuídas ao apóstolo João, notava-se uma grande diferença de forma e conteúdo.

Entretanto, apesar de argumentar contra a autoria apostólica de Apocalipse, ele não defende a sua rejeição por completo. Sua segunda frente de ataque foi à inteligibilidade do livro, através destas palavras: *“Assim pois, alguns dos nossos antecessores rechaçaram-no como espúrio e desacreditaram por completo o livro,*

examinando capítulo por capítulo e declarando que era ininteligível e ilógico, e seu título enganoso [...] Eu, de minha parte, não poderia me atrever a rechaçar o livro, pois são muitos os irmãos que o tomam a sério, mas ainda admitindo que o pensamento que encerra excede minha própria inteligência, suponho que o sentido de cada passagem está em certo modo encoberto [...]” (VII, XXV, 1s).

Os demais líderes orientais, entretanto, diferentemente de Dionísio, na sua maioria excluíram o Apocalipse do cânon de suas comunidades, como se nota nos Pais Capadócijs, em Cirilo de Jerusalém, João Crisóstomo, Teodoro de Mopsuéstia e, já no quinto século, Teodoreto. Várias versões também não o incluíram no cânon, como a Siríaca (século III) e a Armênia (século V).

As igrejas do ocidente, de forma um pouco diferente, acompanharam, de uma forma ou outra, a saída diplomática de Dionísio. A leitura alegórica do Apocalipse acabará ganhando aceitação quase geral nas igrejas ocidentais principalmente por causa de Agostinho.⁴

Ao concluir a apresentação de Dionísio, finalmente, Eusébio aparentemente expressou o que desejava falar sobre o Apocalipse. As palavras de Dionísio, na prática, revelam a opinião de Eusébio, e definiram um paradigma de tratamento do Apocalipse e das comunidades que o usavam:

- As autoridades tenderão a diminuir a autoridade do livro, retirando dele a autoria apostólica;

- Seu conteúdo será chamado de incompreensível, e, conseqüentemente, impossível de ser usado para construir alguma afirmação doutrinária;

- Ele só não foi rechaçado por completo porque algumas comunidades cristãs, de forma alegórica, continuaram a usá-lo;

- Os visionários que tentavam repetir o fenômeno de Pátmos, de uma forma geral, eram tachados de endemoninhados e hereges, como Montano. Sua experiência, como descrita por Eusébio, parecia ser visionária e carismática: “ficou a mercê do espírito e de repente entrou em arrebatamento convulsivo como se possesso e em falso êxtase” (V, XVII^m 7). Contra eles, a ortodoxia negou a realidade da experiência religiosa, chamando-a de “falsa”, atribuindo-a a fenômenos diabólicos.

Ao que parece, enquanto as comunidades não atualizassem o livro não tinham problemas com a ortodoxia. O livro deveria ficar hermético no cânon para não gerar crise. Podia-se corajosamente afirmar a incapacidade de lê-lo, mas não se podia arriscar uma interpretação. Para ficar no cânon, o Apocalipse poderia ser usado, desde que não pudesse ser compreendido.

Conclusão

De uma forma sintética, a obra História Eclesiástica, de Eusébio de Cesaréia, revela, debaixo de inúmeras camadas de tradição, as sucessivas leituras por que passou o Apocalipse de João.

Percebe-se que a natureza apocalíptica do livro deixou-o isolado. Sua característica visionária, que o impedia de ser dominado por um grupo, ou por um porta-

⁴ LERNER, Robert E. Millennialism. In: MCGINN, Bernard (ed.) *The Encyclopedia of Apocalypticism: Apocalypticism in Western History and Culture*. New York: Continuum, 1998. 3v., v. 2, p. 326-360.

voz, transformou-o em literatura de grupos heréticos. Ele não tinha espaço nos esquemas tradicionais teológicos, já que não podia ser lido de uma única forma.

Suas múltiplas possibilidades de leitura o transformaram em expressões irracionais para a liderança oficial. É nas comunidades marginais que não apenas as leituras estarão livres, mas também as atualizações (como o quilianismo) e as novas viagens extáticas (reproduções do evento de Patmos, talvez encontradas em Montano).

Com este fundo, percebe-se uma intensa disputa em torno da autoridade do livro, e a necessidade que se levantou da definição da sua autoridade e ligação com os apóstolos. No fim, o próprio Eusébio se revela ambíguo na apresentação do assunto, considerando-o ora reconhecido, ora espúrio, mas sempre confuso e complexo.⁵

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. São Paulo: Novo Século, 1999.

HINSON, Glenn E.; SIEPIERSKI, Paulo. *Vozes do cristianismo primitivo*. São Paulo: Temática Publicações; São Paulo: Editora Sepal, 2010.

KYRTATAS, Dimitris. The Transformations of the Text: the Reception of John's Revelation. In: CAMERON, Averil (ed.) *History as Text. The Writing of Ancient History*. London: Duckworth, 1986. p. 146-162.

LERNER, Robert E. Millennialism. In: MCGINN, Bernard (ed.) *The Encyclopedia of Apocalypticism: Apocalypticism in Western History and Culture*. New York: Continuum, 1998. 3v., v. 2, p. 326-360.

⁵ KYRTATAS, Dimitris. The Transformations of the Text: the Reception of John's Revelation. In: CAMERON, Averil (ed.) *History as Text. The Writing of Ancient History*. London: Duckworth, 1986. p. 146-162. p. 160.